



ND 15+15

SEGURANÇA

O futuro da segurança

Pós-pandemia aponta para a valorização da vida com investimento em tecnologias para proteção individual e patrimonial. Segurança sanitária e cuidados no ambiente virtual também entram no foco do debate.





FÁBIO ABREU/ND

4/5

ALERTA PARA GOLPES VIRTUAIS

Número de golpes e ataques cibernéticos cresceram assustadoramente na pandemia, trazendo à tona a necessidade de cibersegurança. Dados do governo do Estado apontam crescimento de 85% na modalidade de estelionato virtual. 97% destes crimes não teriam ocorrido se população tivesse acesso a informações básicas de como evitá-los.

6/7

TECNOLOGIA A SERVIÇO DA PROTEÇÃO

Desde sempre, na história da humanidade, a proteção da família e do patrimônio é uma prioridade para o ser humano. Hoje, é possível monitorar a casa ou a empresa com um simples toque na palma da mão. O uso da tecnologia possibilitou a criação de portarias eletrônicas remotas, mas câmeras ainda lideram na preferência.

Segurança digital em alta

O superboom da tecnologia facilita a vida, mas cria ameaças digitais. É necessário proteger a imagem e o patrimônio também no mundo virtual. Para o futuro, o aumento do uso de tecnologias irá exigir cada vez mais atenção do ser humano, em especial pela proteção das informações que trafegam no meio digital. A Lei Geral de Proteção de Dados é um marco nesse sentido e acende o debate sobre o monitoramento no ambiente on-line.

PÁGINA 3

Krav magá e defesa pessoal

■ Krav magá, luta desenvolvida para treinamento dos soldados de elite do exército israelense, é difundida mundo afora e ganha adesão entre pessoas de todas as idades, em especial as mulheres. Sua prática traz segurança e conhecimento de como se portar em casos de ataque físico ou perigo.

PÁGINA 10

Polícia será mais virtual

■ O secretário de Segurança Pública de Florianópolis, coronel Araújo Gomes, prevê um futuro mais seguro e com menos policiais nas ruas. Isso porque ele aposta no videomonitoramento e na análise de comportamento como tecnologias preventivas, além de lembrar que o crime também está migrando para o virtual.

PÁGINA 11

O lento avanço da LGPD no Brasil

Pesquisadora do Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor), a advogada e mestre em direito e desenvolvimento é referência quando o assunto é segurança de dados no Brasil. Ela destaca que, sim, a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) deve trazer avanços para o Brasil, mas lembra que com apenas um ano em vigor, ainda precisa de ajustes, pelo fato de ser muito ampla e genérica. Também lembra que empresas e demais entidades que retêm dados de parceiros, clientes ou fornecedores precisam se adaptar à nova realidade.

PÁGINA 14



UMA PUBLICAÇÃO DO GRUPO ND

FUNDADOR E PRESIDENTE EMÉRITO GRUPO ND E GRUPO RIC (IN MEMORIAM)

Mário J. Gonzaga Petrelli

PRESIDENTE EXECUTIVO

Marcello Corrêa Petrelli

DIRETOR COMERCIAL

Gilberto Kleinübing

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Albertino Zamarco Jr.

DIRETOR DE PLANEJAMENTO

Derly Massaud Anunciação

DIRETOR DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA

Rafael Mafra

DIRETOR OPERACIONAL

Marcelo Campanholo

DIRETOR DE CONTEÚDO

Luís Meneghim

DIRETOR REGIONAL FLORIANÓPOLIS

Roberto Bertolin

GERENTE COMERCIAL

Norberto Moretti Junior

EDITOR CHEFE ND

Rodrigo Lima



COORDENAÇÃO

Vanessa da Rocha

EDIÇÃO

Altair Magagnin

Felipe Alves

Rosana Ritta

REPORTAGEM

Aline Torres

Bruna Stroisch

Fabrizio Umpierrez

Letícia Dorneles

Lindsey Caetano

Lorenzo Dornelles

Lucas Colombo

Marcelo Fleury

Maria Gabriella Schwaemmler

Marinês Barboza de Jesus

Mariana Passuello

Néri Pedroso

Nicolas Horácio

Pâmela Schreiner

Paulo Rolemberg

Rafael Thomé

Vanessa da Rocha

PRODUÇÃO

Daniel Hugen

ILUSTRAÇÃO

Pablo R. Mayer

Fábio Abreu

FOTOGRAFIA

Anderson Coelho

Leo Munhoz

DIAGRAMAÇÃO

Elaine Cristina

Rafael Martório

Paulo Roberto de Oliveira

INFOGRAFIA E ARTE

Leandro Maciel

PUBLIEDITORIAL

Patricia Peron

IMPRESSÃO

Artes Gráficas Riosul Ltda

Busca por segurança, aliada à tecnologia, *seguirá em alta*

A proteção da vida sempre foi, e continua sendo, a grande prioridade e um dos maiores desafios da sociedade do futuro, onde as violações agora se estendem para o mundo virtual



FÁBIO ABREU/ND

Vanessa da Rocha

vanessa.darocha@ndtv.com.br

O mito da caverna é um dos maiores clássicos da filosofia. Na história narrada por Platão, há homens aprisionados dentro de uma caverna. Eles estão ali desde sempre e a única visão que têm do mundo se resume a sombras que passam pelo feixe de luz de fora da caverna. Um dia, um prisioneiro se liberta e descobre o mundo exterior. Vê o sol, vê a natureza, vê as pessoas. Ele pensa em voltar e contar aos outros o que viu, mas sabe que será julgado como louco.

O texto de Platão atravessou séculos e entrega reflexões para todo o mundo, incluindo as mais diversas culturas, crenças e realidades. A metáfora trata do autoconhecimento

e também da organização política do Estado, além de abordar vários pilares da busca humana por proteção. Tão antiga e universal quanto essa história é a busca humana pela segurança. E é por isso que a filosofia está presente aqui no primeiro texto do caderno futurista sobre segurança.

Buscar segurança significa proteger a vida. Desde os tempos primitivos, o homem fabricou suas próprias ferramentas para se proteger. É um instinto natural que garantiu a sobrevivência e evolução das espécies. Em 2021, a busca por proteção continua - e com elementos novos.

O superboom da tecnologia facilita a vida, mas cria as ameaças digitais. É necessário proteger a imagem e o patrimônio também no mundo virtual. Para o futuro, o

aumento do uso de tecnologias irá exigir cada vez mais atenção do ser humano, em especial pela proteção das informações que trafegam no meio digital. A Lei Geral de Proteção de Dados é um marco nesse sentido e acende o debate sobre o monitoramento no ambiente on-line.

NOVAS SOLUÇÕES

A mesma tecnologia que fez surgir riscos virtuais também cria proteção no ambiente físico. As forças de segurança pública investem em vigilância com o desenvolvimento de equipamentos modernos. No âmbito privado, as pessoas investem em dispositivos, aplicativos e sistemas de videomonitoramento.

A mudança de costumes também traz novos desafios para a seguran-

ça. Há algumas décadas, no Brasil mulheres não podiam votar e poucas trabalhavam. A evolução elevou a presença feminina nas ruas e a exposição aos riscos urbanos não intimidou. Mulheres aprendem a lutar e fazem cursos de defesa pessoal.

No campo da biossegurança, o mundo ainda aprende as duras lições da pandemia de Covid-19. O futuro será ainda mais voltado para a segurança sanitária e proteção contra vírus imperceptíveis a olho nu, situação que desperta uma das sensações mais primitivas do ser humano: o medo. Medo de perder a vida, de perder entes queridos, de perder conquistas, de perder o patrimônio. A busca por segurança envolve o que é mais sagrado da essência humana: a proteção da vida.

Crimes virtuais estimulam busca por *soluções e proteção* de dados

Número de *golpes e ataques cibernéticos crescem assustadoramente* na pandemia, trazendo à tona a necessidade de cibersegurança. Polícia Civil lança cartilha com *dicas para evitar cair em ciladas*

Lucas Colombo

ESPECIAL PARA O ND

A tecnologia trouxe um grande avanço. Com este avanço, também surgiram novas formas de golpes e fraudes. Golpes do boleto falso, leilões falsos de carros, clonagens de perfis, invasões virtuais, pedidos de empréstimos pelas redes sociais e até sequestro de sistemas de dados de empresas, com pedido de resgate. Esses são alguns dos perigos do mundo on-line.

Justamente durante a pandemia foi registrado aumento expressivo no número de golpes em todo o Brasil. Boletos falsos, perfis de Whatsapp falsos com informações pessoais para pedir dinheiro a amigos e familiares das vítimas, extorsões e até mesmo o uso da sedução como arma. No chamado golpe dos 'nudes', os criminosos se escondem por trás de perfis falsos, criam intimidade com as vítimas até conseguir fotos de nudez e depois usam estas mesmas fotos para extorqui-las. Além de rombos financeiros, ainda dilaceram os corações.

“A aplicação de golpes costuma ser sazonal, com a pandemia cresceram de forma exponencial, com diversos indivíduos que praticavam outros crimes mais violentos, como roubos e assaltos, migrando para a prática do estelionato”, explica o delegado da Delegacia de Defraudações da Deic (Diretoria Estadual de Investigações Criminais), Leonardo Silva.

“Jamais fazer transferências ou depósitos para conhecidos antes de conversar com o mesmo por meio de uma ligação. Sempre desconfiar de pedidos feitos por mensagem. Em relação a pedidos de comida por aplicativo, pagar de preferência pelo próprio aplicativo. Nunca dar o cartão de crédito nas mãos do entregador.”

Leonardo Silva,
delegado da Delegacia de Defraudações
dá dicas para se evitar cair em golpes



DIVULGAÇÃO/ND

Novo golpe envolve pedido de comida

O delegado alerta para um novo golpe, que vem sendo aplicado por criminosos que se passam por entregadores de aplicativos de comida. “Nesse golpe novo, na hora do pagamento da comida pedida por aplicativo, o motoboy chega, entrega a comida e pega o cartão. Sem a pessoa perceber, com o

celular escondido embaixo da roupa, ele filma enquanto passa o cartão dos dois lados, pega o número completo e o código de segurança. Em seguida, ele entra em sites e faz diversas compras”, explica Silva.

Com o objetivo de combater e investigar os golpes cibernéticos, foi criada pela Polícia Civil a DRCI (De-

legacia de Repressão aos Crimes de Informática), vinculada à Deic. Ela investiga crimes que tenham objetivo exclusivo de atacar sistemas de computadores, ou quando a internet for condição indispensável para a efetivação do crime, excluindo-se os casos em que ela é usada apenas como instrumento.

ESTELIONATO NA MIRA

85%

É o percentual de aumento de estelionatos em SC de 2019 para 2020

97%

deles não teriam ocorrido se a vítima tivesse algum conhecimento sobre os golpes

Golpes mais recorrentes em SC

- Clonagem do Whatsapp
- Anúncio de compra e venda de veículos
- Duplicação de perfil de Whatsapp
- Compras pela internet de maneira geral
- Falso empréstimo
- Clonagem de cartão
- Anúncio de imóveis

✓ De 2019 para 2020, quando iniciou a pandemia, o número de casos de estelionato, quando alguém se passa por outra pessoa para aplicar golpes, praticamente dobrou em Santa Catarina.

✓ Em 2019, foram registrados 26.604. No ano passado, esse número foi de 48.274, um aumento de 85% em relação ao ano anterior. Neste ano, já são 24.567 casos de golpes em toda Santa Catarina, de acordo com dados da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

✓ Diante destes números, a Polícia Civil criou uma cartilha com orientações para que as pessoas não caiam em golpes desse porte. O delegado destaca alguns pontos importantes para prevenir esse tipo de situação e sugere que quem tiver acesso à cartilha, a leia com atenção e a divulgue entre os conhecidos.

✓ “E caso caia em algum golpe, registrar o boletim de ocorrência na delegacia eletrônica”, orienta. A cartilha está disponível no site da Polícia Civil (www.pc.sc.gov.br).

Segurança de dados: cultura e conscientização

A falta de consciência sobre como se defender ou se portar na internet contribui para o crescimento dos golpes. Em Santa Catarina, o setor empresarial tem sido vítima de ataques cibernéticos. Porém, muitos só procuram sistemas de segurança de dados depois de serem atacados.

A cibersegurança não é exatamente uma novidade. Por exemplo, a a ipTrust atua há cerca de 19 anos no segmento para grandes empresas e órgãos públicos. Já a Simplifique é uma startup que surgiu com foco nas micro, pequenas e médias empresas.

Ransomware, o sequestro de dados empresariais

Um golpe que tem preocupado os empresários é o sequestro de servidores e computadores. Conhecido como Ransomware, o ataque consiste na instalação de um malware – programa destinado a infiltrar-se em um sistema de computador alheio para roubar seus dados – em um computador da empresa. Rapidamente, ele se espalha na rede e inicia a criptografia de todos os computadores e servidores. Desta forma, a empresa fica na mão dos hackers e não consegue mais acessar seu sistema.

Depois, pedem altos valores para que a criptografia seja retirada e o acesso volte. Caso o backup de toda a rede tenha sido criptografado, as empresas acabam se rendendo e pagando o resgate, já que são dados de clientes,

fornecedores, movimentação financeira, que levaram anos para serem construídos.

“Atacantes usam vários subterfúgios para instalar um ransomware, em muitos casos um e-mail falso, que chamamos de phishing. Ele simula uma promoção ou algum tipo de serviço, o colaborador clica no link falso e ransomware começa a criptografar computadores e servidores. É pedido resgate, geralmente, em criptomoedas, mais difícil de rastrear. É o que mais acontece hoje”, explica o head de Segurança da Informação e Privacidade na IpTrust, Gabriel Ferreira Ramos da Conceição.

Casos como esse já foram registrados em Santa Catarina, onde empresas = pagaram resgate. Também é possível que os dados sejam roubados durante o seques-

tro e, posteriormente, sejam vendidos na dark e na deep web, o lado criminoso e sombrio da internet. Estes dados são comprados por bandidos, para novos golpes.

“Em Santa Catarina, houve caso de uma empresa que teve tudo criptografado, até o backup. Ela não tinha o que fazer e pagou o resgate. Empresa grande, de 500 a mil colaboradores, e realmente devolveram o sistema para ela. Porém, não existe garantia de que irá voltar. Também não existe garantia de que não irão atacar novamente. Nos ransomwares atuais, também estão roubando dados para ameaçar a empresa de divulgar suas informações, caso não pague o resgate, e se pagarem também podem vender esses dados”, comenta Gabriel.

Cibersegurança é muito mais que firewall e antivírus

As pessoas são o elo mais fraco na cadeia da segurança cibernética. Muito mais do que firewalls e antivírus, a cibersegurança passa pela conscientização dos colaboradores da empresa. É preciso criar um ambiente voltado à prevenção de golpes, para que não se caia em fishings – os e-mails desenhados para que a pessoa clique e os vírus se instalem.

“Todo mundo tem que estar engajado, o profissional do RH, do financeiro. É preciso ter a cultura de segurança. Antigamente, saber operar um computador era um diferencial. Hoje, se não sabe mexer, nem entra na empresa. Isso também se reflete na segurança. Tem que se saber o mínimo. Cabe à equipe de segurança das empresas criar essa cultura. A tendência é que os profissionais do futuro já a tenham”, projeta Gabriel.



Muitas vezes, a empresa não entende o valor que seus dados têm e encara a cibersegurança como despesa e não como investimento. É uma mentalidade a ser mudada. Cibersegurança é investimento.”

Luciano Szostkiewicz de Paula, head de Inovação da ipTrust Tecnologia e CEO da Simplifique TI

O trabalho dos ‘hackers éticos’

Uma das formas de se prevenir de golpes é a contratação de um teste de intrusão, serviço fornecido por empresas de cibersegurança. Nele, hackers ‘éticos’ promovem ataques aos sites e sistemas dos contratantes, com o objetivo de identificar os pontos fracos da defesa cibernética.

“Hacker ético, do bem, é contratado para fazer este serviço. É um teste de intrusão. Ele ataca e descobre as falhas, antes que um hacker as descubra. Ele ataca e faz um relatório para ajudar na proteção das empresas. Aí, a empresa pode investir nessa proteção e fortalecer os pontos fracos, preparando-se com mais barreiras contra ataques”, explica Luciano. “Oferecemos um serviço com treinamento dos funcionários através da gamificação, palestras. Tecnologias como firewall, endpoint protection, WAF (Web Application Firewall), DLP (Data Loss Prevention), ferramentas que podem prevenir um ataque cibernético. O DLP foca mais na contenção do vazamento de dados”, ressalta Gabriel.

Micro, pequenas e médias empresas que, às vezes, não têm como fazer esse tipo de investimento, podem adotar algumas práticas para inibir os ataques cibernéticos e os vírus. “É fazer o básico bem feito. Ter computadores licenciados, atualizados, um bom antivírus, no mínimo um firewall”, orienta.

Segundo Luciano, uma empresa, mesmo que tenha apenas cinco computadores, precisa de proteção. “Aliado à conscientização das pessoas, é preciso alimentar essa cultura, prestar atenção no que está clicando, no que está recebendo e compartilhando. É o mínimo para se proteger”, diz.

Videomonitoramento e tecnologia a *serviço da proteção*

Equipamentos cada vez mais precisos e integrados às forças de segurança, que podem ser *monitorados e acionados pela palma da mão*, movimentam um mercado em constante crescimento

Lucas Colombo

ESPECIAL PARA O ND

Em busca de segurança, o comerciante Leonardo Zanin, morador da praia dos Ingleses, dobrou o número de câmeras de segurança e instalou sensores de alarme por toda a área da casa onde vive e funciona o comércio da família. Ele mora com a mulher e o filho, e não poupa quando o assunto é proteger o lar. “Tudo que podemos fazer para nos prevenir, tentamos fazer. Nosso lar, nossa casa, nosso comércio e nossa vida dependem de tudo isso”, diz.

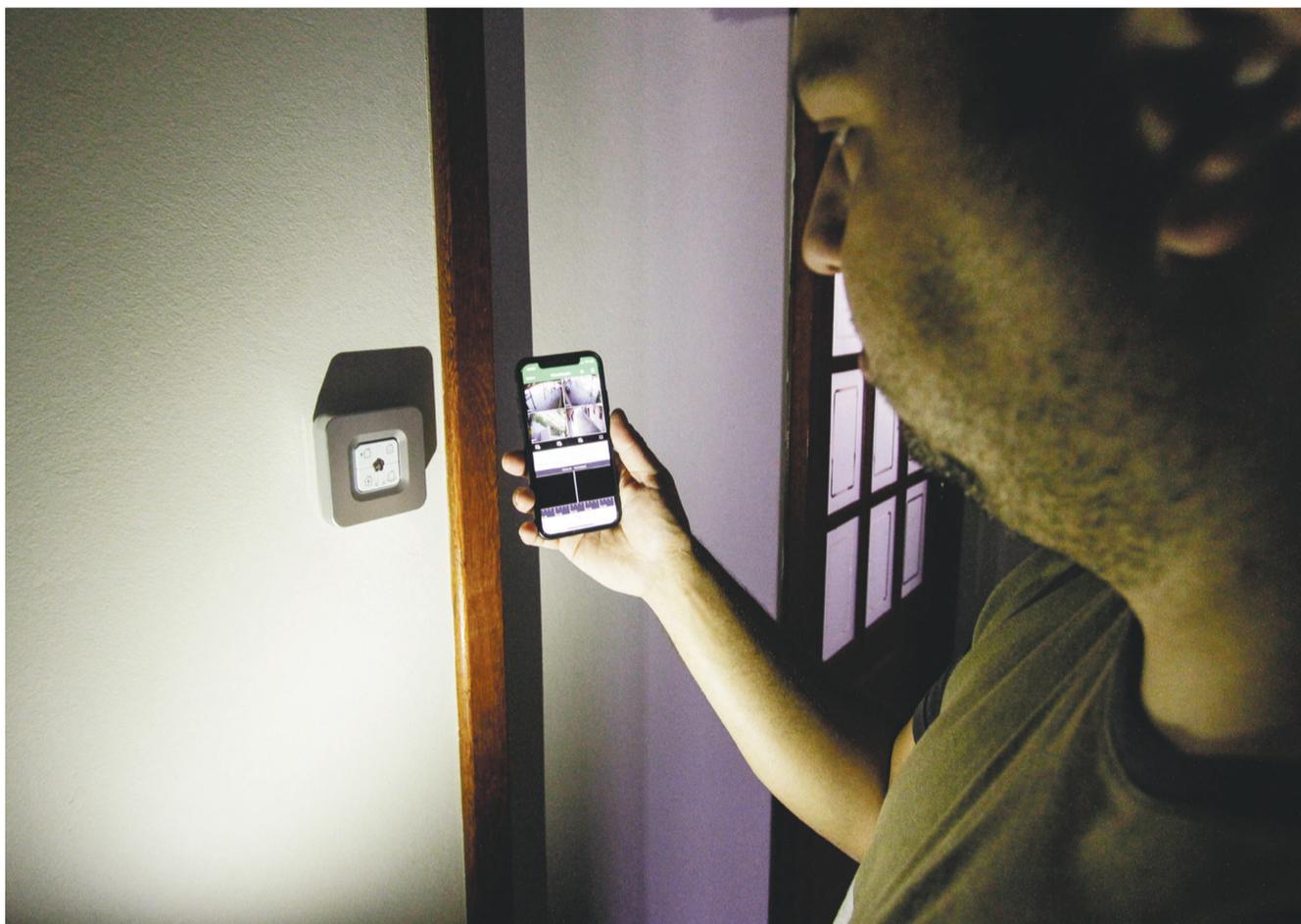
Se alguém passa no sensor, a câmera do alarme já bate ao menos três fotos e a empresa responsável aciona a Polícia Militar, em caso de invasão. “Não tinha câmera para a rua, mas eu quis colocar. Hoje, se estamos dentro de casa à noite com o filho pequeno e escutamos um barulho, não corremos o risco de botar a cara na janela para olhar. Olhamos na câmera, no celular. Aí, vemos se há movimentação ou não.”

PROTEÇÃO PESSOAL E PATRIMONIAL

Por meio do celular é possível ter acesso às câmeras, alarmes e outros dispositivos que possam ser instalados. Os produtos mais procurados seguem sendo a câmera de segurança e o alarme, combo vendido pela Khronos Segurança, uma das líderes do setor em Santa Catarina.

“O mais procurado ainda é o sistema de alarme com câmeras. Os usuários buscam primeiro a proteção do seu patrimônio e da sua família. Temos know-how muito grande nisso. São 37 anos no mercado e este sistema ainda é o carro-chefe da empresa”, observa o gerente da unidade de Florianópolis da Khronos, Márcio Luiz Souza.

O uso da tecnologia possibilitou a criação de portarias eletrônicas para condomínios, indústrias, entre outros. Toda a gestão de entradas e saídas pode ser feita de forma remota, por aplicativos e centrais de atendimento. Aliás, é pelos aplicativos que os proprietários de residências com câmeras têm acesso às imagens 24 horas por dia no celular.



Comerciante Leonardo Zanin encontrou um sistema que o deixa bem mais tranquilo para cuidar simultaneamente da família e do empreendimento

“**O uso da tecnologia traz facilidade muito grande. Na palma da mão, o cliente consegue olhar as câmeras, as ruas, onde está o carro. Tudo por aplicativo, de forma rápida e segura. Na portaria eletrônica, os condôminos têm aplicativo para liberar entrada na portaria, liberar lista de festa com senha provisória...**”

Márcio Luiz Souza,
gerente da unidade de Florianópolis
da Khronos

Monitoramento de ruas e condomínios é tendência

Uma das tendências e novidades da Kronos é o sistema de monitoramento ao vivo de ruas, onde os moradores podem contratar o serviço. Desta forma, são instaladas câmeras no início, no meio e no fim da rua, para que seja monitorada ao vivo e de forma remota. Caso seja necessário, o aplicativo tem a possibilidade de os vizinhos conversarem ao verem uma movimentação estranha e até chamar a Polícia Militar. Placas instaladas na rua alertam que o local é monitorado.

“É uma tendência. Estamos trabalhando muito isso em rua, em condomínio e até em estacionamentos. Consegue ver carros entrando e saindo, câmeras com leitores de placa. Tem bastante possibilidades”, ressalta Souza.

Na pandemia, a procura por sistemas de segurança patrimonial tem se mantido estável. Porém, a tendência é que com a retomada das atividades o setor volte a crescer.

“A cada dia, percebemos busca por mais segurança. Com a pandemia, as pessoas ficaram mais em casa, mas essa procura se mantém, não baixou. Com a melhora da economia, a tendência é que volte a crescer. Já teve um leve crescimento”, analisa Souza.

Entrevista

Marcelo Coelho, especialista em segurança pública, mestre em políticas públicas

Reconhecimento facial e portaria eletrônica são tendências

O especialista em segurança pública, mestre em políticas públicas, Marcelo Coelho, defende o uso de tecnologias que desburocratizam determinados procedimentos, como o uso de

reconhecimento facial. Ele também prevê crescimento de serviços privados como portarias eletrônicas e no futuro, lança a possibilidade de robôs trabalharem na segurança das pessoas.



DIVULGAÇÃO/ND

Coelho defende uso de soluções tecnológicas para monitoramento

Para o futuro, quais são as tendências para a segurança?

Parte de segurança digital tem o reconhecimento de face, reconhecimento de placa de carro. Isso vai crescer bastante. Ao crescer, esse mercado de segurança de TI está se tornando mais barato, viável para as classes B e C. Já tem tecnologia de ponta funcionando como rede de vizinhos. Na realidade, o Estado está passando a obrigação para o particular. Assim, se privatiza um serviço que é do Estado. Ocorre em várias partes do mundo e lentamente, no Brasil. A parte de reconhecimento facial vai crescer. Um obstáculo é a infraestrutura de dados, muito cara ainda em SC. Hoje, para fazer link com a base de dados da PM se torna caro... A câmera na rua reconhece a face, encaminha para o banco de dados e já vê se tem mandato contra a pessoa. A PRF (Polícia Rodoviária Federal) já tem isso, com reconhecimento de placa, que já indica se o carro é roubado.

O reconhecimento facial é mesmo a maior tendência?

Há grande discussão jurídica nessa questão. China e Europa já têm isso. Nas ruas, em áreas nobres, condomínios, já está aqui, mas ainda se torna muito caro. Não

é só o reconhecimento facial, tem que ter a base de dados que vai ligar ao sistema, software que converse com alguma base de dados, e ainda falta esta infraestrutura.

Temos reconhecimento de face hoje, na China, com relação à prevenção de rebeliões e motins nas prisões. O próprio software reconhece se a pessoa tem tendência a provocar tumulto.

Na rua, a pessoa vai passar e a câmera vai captar o semblante. O reconhecimento facial traça o perfil. Dependendo, o policial já pode mandar encostar se observar alguma tendência. Juridicamente, ainda tem que ser conversar, estudar. Imagina isso no carnaval de Laguna, Salvador, etc. Tem bastante software hoje, principalmente de Israel, que se coloca-se na rua hoje.

Quais são os desafios do futuro?

Investimento em serviços e áreas nobres da tecnologia de ponta, mas no Brasil sempre é tudo lento. Na região periférica, o investimento é pouquíssimo ou quase nada. Segurança pública é do Estado, mas já temos sistemas prisionais terceirizados na linha de parceria público privada. Algo que está se desenhando agora. Exemplo é esse, o privado faz a infraestrutura e PM vai lá e a utiliza.

E a migração dos crimes para o meio virtual?

Os crimes começam a mudar. Agora, não é presencial. É crime virtual. A tendência é o infrator não aparecer... Ligação, whats, mundo digital... vou te ligar... mandar mensagem... fazer um pix. O investimento público é necessário, mas teria que ser muito alto. A Polícia Federal e a segurança dos Estados trabalham crimes digitais e prevenções. No digital, a segurança pública operacional está sempre apagando incêndio. Precisamos criar situações de tecnologia.

A tecnologia ajuda na prevenção de crimes virtuais e no monitoramento de presídios?

É preciso avançar. As cartas dos presos são lidas na entrada e saída. Se chegam mil cartas, tem que ler. Será que não tem um software para ler palavras chaves? Em alguns locais, presos utilizavam pombo correio. Isso foi percebido porque começou a cair crimes na escuta telefônica. Aí, voltaram a usar mensagem. Precisa, além dos investimentos de recursos nessa área, investir nos servidores e na capacitação, preparando-os à nova tecnologia. Precisa ter servidores qualificados, ter investimento nas áreas de TI. Você não precisa mais ir na Polícia Civil fazer BO, entra no sistema e faz de casa.

Teremos porteiros no futuro ou só portaria eletrônica?

A portaria eletrônica vai crescer sem precedentes. Hoje, a questão trabalhista de um servidor é onerosa. Com orçamento mais barato se faz investimento top de reconhecimento digital de portaria. Não precisa ter uma pessoa controlando o aces-

so 24 horas, mas sai muito caro.

Exponencialmente, empregar pessoas sai muito caro. Qual a diferença entre software, TI e RH? Quem garante que uma pessoa não vai dormir, não vai conciliar? O software não cochila, tem 24 horas. Na BR-101, em SC, a programação já tem uma média de fluxo de quantidade de carros transitando por horário. Quando esse fluxo cai drasticamente, as câmeras já começam a procurar um ponto que possa estar ocasionando a baixa, seja por um acidente ou outro motivo.

Então, deixa o software programado. Naquela hora não aparece muito gente, de madrugada, por exemplo, chega alguém já congela a imagem. Esse caminho da tecnologia hoje muitos condomínios adotaram e não têm porteiro, apenas o zelador. É uma tendência fortíssima do investimento em tecnologia. No prédio, passa a senha, a pessoa entra no condomínio, vai até o apartamento e 24 horas depois aquela senha se apaga.

É um nicho que não para. Com o celular, você consegue liberar a entrada de alguém. Aquela coisa de interfonar está ficando antiga.

Quando criança, víamos o desenho dos Jetson com carro voador e pensávamos que isso nunca ia existir. Hoje tem o filme do Will Smith, com robôs. Já pensou em seguranças de rua robôs?

Isso não existe aqui. O que tem hoje em segurança é um robô digital. Daqui a dez anos, utopicamente falando, quem sabe não tenhamos robôs nas ruas fazendo segurança externa? Utopicamente falando, é possível que tenhamos na frente de casa um robô fazendo a segurança pública.



É preciso avançar. As cartas dos presos são lidas na entrada e saída. Se chegam mil cartas, tem que ler. Será que não tem um software para ler palavras chaves?"

Não deixe ninguém
falar por você.



A violência contra a mulher precisa acabar.

Denuncie
Ligue **180**

Só no último ano, foram registrados 800 casos de violência contra a mulher em Joinville. Violência de todos os tipos: física, psicológica, moral, verbal e sexual. Quase sempre, o agressor conta com um grande aliado: o silêncio. Chega. Isso precisa acabar.

Use a sua voz. Ligue para a Central de Atendimento à Mulher e denuncie.

Central de Atendimento à Mulher.

Secretaria de
Assistência Social



Prefeitura de
Joinville

Joinville dá voz e destaque para o combate à violência contra a mulher

Além da agressão física, como tapas, mordidas ou beliscões, o abuso pode ser também sexual, patrimonial ou virtual

Campanha Use Sua Voz chama a atenção para o alto número de casos registrados e destaca importância do apoio às vítimas

Por dia, são registrados, em média, dois casos de violência contra a mulher em Joinville. Estes são os números oficiais, que chegam nas delegacias, mas, infelizmente, os dados não refletem tudo o que pode estar acontecendo, especialmente dentro de muitos lares, e que pode resultar em situações extremas como feminicídio.

Além da agressão física, como tapas, mordidas ou beliscões, a violência contra mulher pode ser também sexual, patrimonial ou virtual, por exemplo. Já frases como “Você não serve para nada”, “Não pode sair sem mim”, “Não pode trabalhar” ou “Vou acabar com a sua família” são consideradas violência psicológica ou moral.

“Precisamos falar sobre este tipo de violência, pois ela está muito perto de todos nós. Só em Joinville, no ano passado, foram 800 denúncias. Falar é também conscientizar sobre a importância de apoiarmos as vítimas para que possam reconstruir suas vidas”, defende a vice-prefeita de

Joinville, Rejane Gambin.

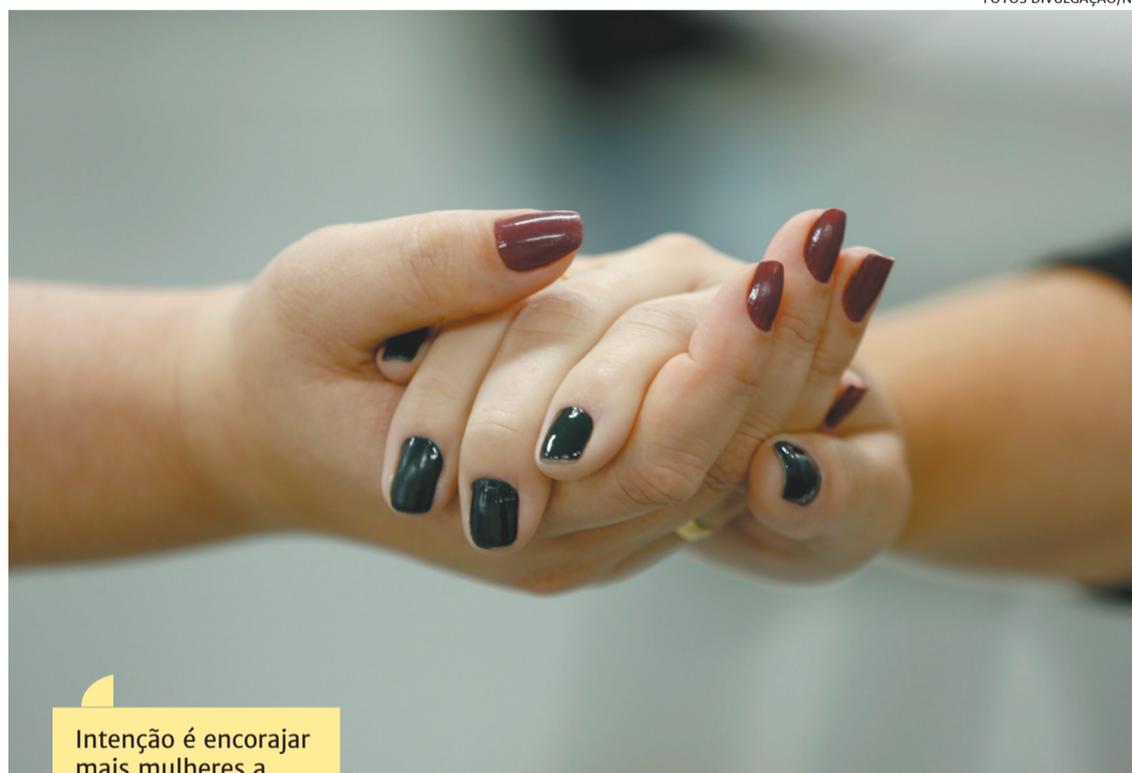
É para chamar a atenção para este assunto que a Prefeitura de Joinville promove a campanha Use sua voz.

A vice-prefeita, primeira mulher no cargo na cidade, a secretária de Assistente Social Fabiana Ramos da Cruz, além das vereadoras Ana Lucia Martins e Tania Larson, a delegada regional Tânia Harada e a presidente do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres, Simone do Nascimento Silva, foram convocadas para desenvolver o mote da ação.

DIVULGAÇÃO DO MATERIAL NA CIDADE

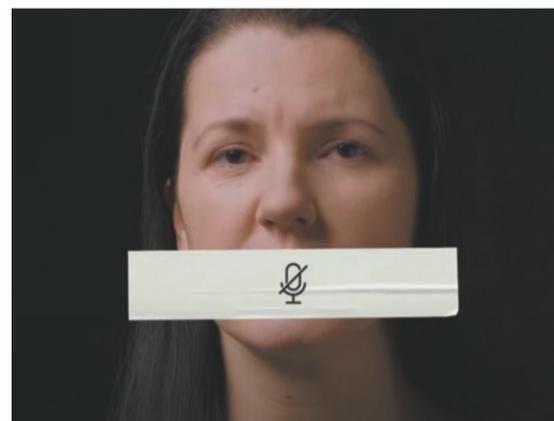
Além do material gráfico e em vídeo, que são veiculados nos diversos meios de comunicação da cidade, distribuídos em vários pontos como unidades de saúde e de ensino, e publicados nas redes sociais, a iniciativa conta também com ações como debates e palestras.

“Esperamos que essa campanha encoraje



Intenção é encorajar mais mulheres a pedirem ajuda para sair desta situação e recomeçarem suas histórias

mais mulheres a pedirem ajuda e conscientize toda a população sobre a necessidade e a importância de apoiar as vítimas nestas situações de violência”, complementa a vice-prefeita de Joinville, Rejane Gambin.



Vídeos nas redes sociais e na internet ajudam a propagar as informações



Iniciativa divulga informações, como denunciar e promove debates sobre as formas de violência e o seu enfrentamento

Roda de conversa, palestras e informações

No canal oficial da Prefeitura de Joinville no YouTube, ainda neste mês de agosto, será possível assistir a uma roda de conversa sobre a violência contra a mulher e conferir as ações para o acolhimento das vítimas.

Além disso, na página da Rede Intersetorial de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher no

Facebook, ocorre um ciclo de palestras com discussões sobre o tema todas as quartas-feiras de agosto.

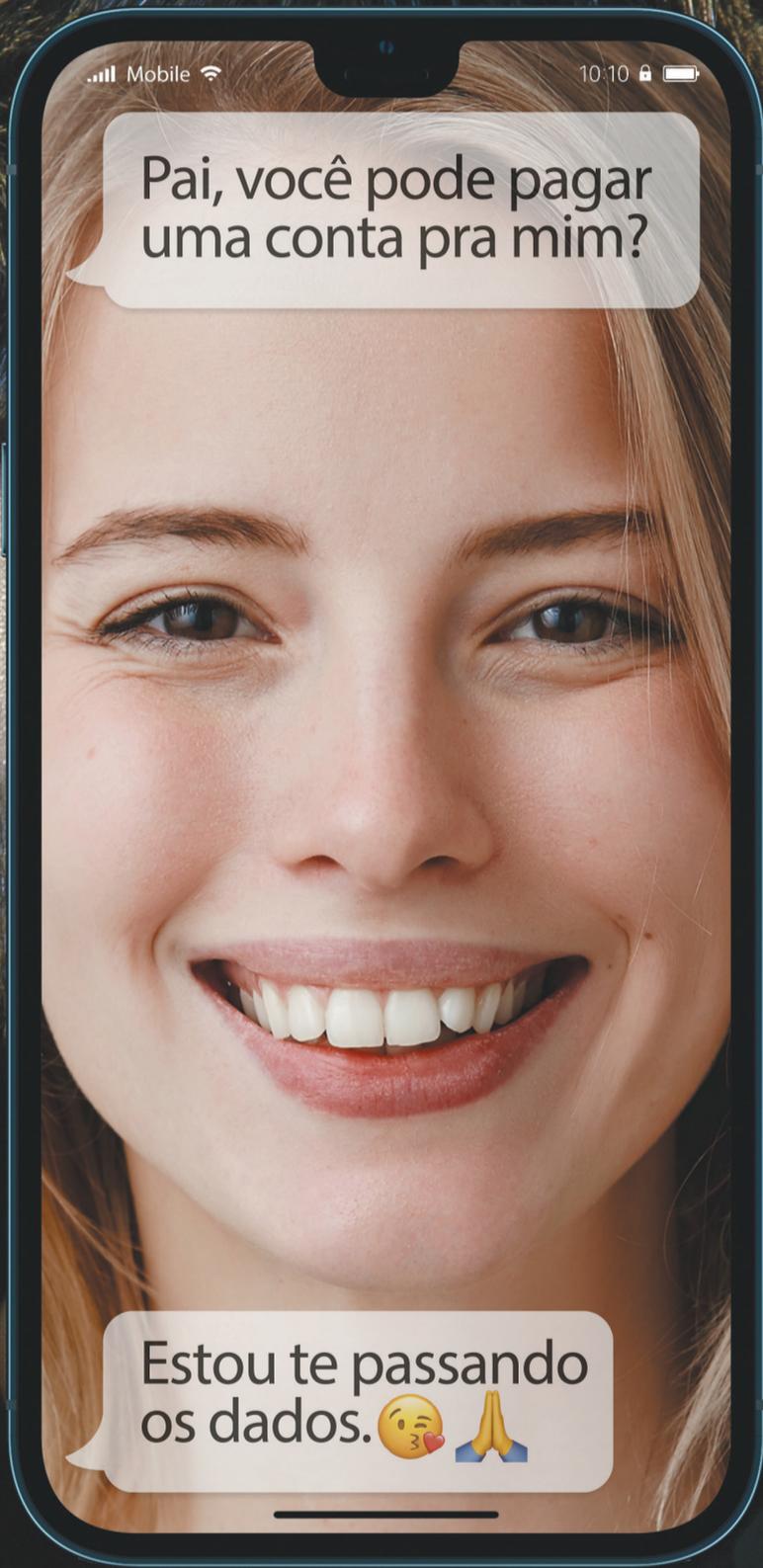
O site da prefeitura conta com uma página especial na qual há informações sobre os direitos das mulheres. Lá, é possível fazer o download de um cartaz que estimula a denúncia de casos, além de uma cartilha com

informações sobre atendimento e tipos de violência contra a mulher.

“Não é possível fechar os olhos diante das atrocidades contra a mulher, é preciso dizer basta, é preciso denunciar!”, sintetiza Simone do Nascimento Silva, presidente do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres de Joinville.



COLEGIADO SUPERIOR
DE SEGURANÇA PÚBLICA
E PERÍCIA OFICIAL



ACESSE A
CARTILHA DO
CIBERCRIME.
VOCÊ PRECISA
SABER MAIS.



CUIDADO COM OS GOLPES DIGITAIS. DESCONFIE SEMPRE!

Biossegurança com *jeitinho brasileiro*

Pós-pandemia será de atenção para biossegurança, mas máscaras não devem ficar para o pós-pandemia, dizem infectologistas

Na China o uso das máscaras para o combate a doenças respiratórias é comum, já em outros países o uso é inédito. No caso do Brasil, a população levou meses para se adaptar. Em diversas cidades foi necessário aplicar multa para obrigar o uso e ainda há resistência. Para o infectologista Martoni Moura e Silva o hábito será abandonado junto com o fim da pandemia. “O Brasil é um país tropical, onde não temos a cultura do uso de máscaras como se tem na Ásia, na China principalmente. Não acho que vá ser algo que se perpetue na nossa cultura. Apenas quando tivermos a necessidade, em novos surtos de doenças, e a sociedade científica apontar seu uso”, diz.

O mesmo ponto de vista é compartilhado por Kfoury. “Se algumas pessoas passarem a utilizar máscara quando estiverem doentes já é um grande avanço. Mas em situações fora de pandemia é muito difícil culturalmente eu acho muito difícil de ser implantada uma conscientização neste aspecto.”

Higiene das mãos é ato básico de proteção

Um ato tão básico como lavar as mãos é capaz de salvar vidas. Foi no início do século 19 que o médico húngaro Ignaz Semmelweis percebeu que menos mulheres morriam após os partos quando as mãos dos médicos eram higienizadas antes de realizar os procedimentos. Ele registrou essa observação que passou a ser a base das medidas de prevenção contra bactérias. O ato é tão relevante para a saúde pública que a Organização Mundial da Saúde (OMS) criou um dia específico para lembrar a importância dessa medida. Todos os anos, no dia 5 de maio é celebrado o Dia Internacional para Lavar as Mãos. As mãos são as principais transportadoras de bactérias. Conforme a OMS, o hábito de lavar as mãos pode reduzir em aproximadamente 40% os casos de contaminação.



DIVULGAÇÃO/ND

“As doenças virais respiratórias como gripes, resfriados, sempre existiram, e ninguém usava máscara em aglomeração, transporte público, bares. Tínhamos muito pouco cuidado com o próximo, mas espero que essa percepção de coletividade em reduzir as taxas de transmissão continue.”

Martoni Moura e Silva, infectologista

Apesar de ser fator de combate às doenças respiratórias, infectologistas acreditam que o uso de máscaras será descartado após a pandemia

Infectologistas acreditam que legado das máscaras não ficará

A preocupação com o risco de contaminar outras pessoas pode continuar, o que é positivo para a segurança sanitária, conforme Kfoury. “As doenças virais respiratórias como gripes, resfriados, sempre existem, e ninguém usava máscara em aglomeração, transporte público, bares.

Tínhamos muito pouco cuidado com o próximo, mas espero que essa percepção de coletividade em reduzir as taxas de transmissão continue.”

O infectologista Martoni Moura e Silva diz que a organização em filas e em espaços físicos também podem continuar no pós-

-pandemia. “Um exemplo é o ordenamento de saída do avião, que tem sido usado frequentemente, as saídas fileiras por fileiras... isso é algo que pode ficar.” Silva acredita que a população estará mais atenta à proteção sanitária. “A tendência é termos mais cuidados daqui pra frente.”



DIVULGAÇÃO/ND

Ato de lavar as mãos previne doenças e virou rotina na pandemia

Pós-pandemia será voltada para **segurança sanitária**

A pandemia de Covid-19 criou novos hábitos e consolidou *a importância da higiene para a prevenção de doenças*; lavagem das mãos e limpeza com o uso do álcool são rotinas que vieram para ficar

Além das máscaras, a população mundial passou a lavar as mãos periodicamente. O uso do álcool virou rotina. As gerações que habitam a terra não tinham passado por uma pandemia e estão aprendendo da forma mais dura os pilares básicos da segurança sanitária.

Trabalhar home office quando estiver resfriado e evitar lugares fechados são alguns hábitos que podem permanecer após o término

da pandemia, já outros hábitos podem ser deixados pela população com mais facilidade, afirma Renato Kfourri, que é infectologista e Presidente do Departamento de Imunizações da Sociedade Brasileira de Pediatria. “A higiene das mãos é mais fácil de se adotar (no pós-pandemia). Já o distanciamento e uso de máscaras, uma vez que a pandemia estiver controlada, as pessoas vão deixar

de usar rapidamente.”

Para Kfourri, o uso do álcool para a higiene de objetos também deve permanecer, além de uma mudança de postura das pessoas que podem ficar mais atentas à coletividade. “Talvez a grande mudança seja as pessoas doentes passarem a ter uma consciência sobre seu potencial transmissor. E aí se isolar mais, usar máscara (quando estiverem doentes)”, diz.

Mulheres optam por luta que orienta *defesa pessoal*

Krav magá, modalidade desenvolvida para treinamento dos soldados de elite do exército israelense, ganha adesão entre pessoas de todas as idades pelos *movimentos relativamente simples e certos*

Lucas Colombo

ESPECIAL PARA O ND

Além da segurança patrimonial, a procura por uma forma de saber se portar em casos de perigo alimenta a busca por artes marciais. Essa procura por formas de defesa tem crescido nos últimos anos, com uma leve queda no ano passado por causa da pandemia. Muito pela impossibilidade das aulas presenciais.

Foi a busca por defesa pessoal que fez a técnica em arquivo Josiane Pacheco, 36 anos, iniciar em 2015 a prática do krav maga - uma luta voltada para a defesa pessoal em diversas situações vividas na sociedade, como roubos, violência e ataques.

“Sempre pensava em aprender a me defender, caso surgisse algum imprevisto, mas não conhecia a escola de defesa pessoal. Uma vez eu vi essa escola, de krav magá, de defesa pessoal”, comenta. “Fiz uma aula experimental e comecei em 2015. Hoje, sou faixa laranja”, conta.

Antes de iniciar as aulas, Jo-

siane passou por duas experiências traumáticas. Ela presenciou um assalto com arma de fogo no minimercado da mãe e foi vítima de um assalto no mesmo local.

“Uma vez eles chegaram com arma, e não me abordaram. Outra vez, o cara pegou no meu braço e apontava alguma coisa que tinha na sacola. Podia ser uma faca, uma madeira, para roubar dinheiro, mercadorias”, lembra.

REVIDE

Com o treinamento, Josiane destaca que hoje saberia se defender. Os muitos anos de treino e prática a levaram ao movimento quase natural dos golpes. “Se tivesse esse conhecimento que tenho hoje, poderia revidar naquele caso, em que não era arma de fogo. Nos sentimos vulneráveis naquele momento, porque não sabemos o que fazer. Nas aulas, nós treinamos tanto, fazemos tanto, que o movimento sai quase instintivamente. Treinamos várias possibilidades, coisas que podem acontecer na rua”, destaca.



REPRODUÇÃO/ND



Professor Bruno Nobre orienta Josiane Pacheco

Técnica ensina como defender-se de ataques em situações urbanas

Técnica simples e inteligente oferece desenvolvimento gradual

O krav magá é uma arte marcial relativamente nova. Criada na década de 1940 pelo judeu-húngaro Imi Lichtenfeld, inicialmente a técnica de luta corpo a corpo foi desenvolvida para os soldados de elite do exército israelense. Já na década de 1960, foi adaptada por Imi para situações urbanas.

No Brasil, a arte marcial chegou por volta de 1990, com o mestre Kobi Lichtenstein, graduado como faixa preta pelo próprio criador do krav magá.

“Qualquer pessoa pode aprender. É uma técnica muito simples. É muito inteligente. O criador do krav maga desenvolveu um método que é construtivo, onde as pessoas começam

com técnicas mais simples. E a partir do momento que a pessoa vai se desenvolvendo, vai aprendendo técnicas mais complexas. Uma técnica ligada à anterior, como se fosse uma continuidade”, explica o professor de Josiane e faixa preta 2º Dan no krav magá, Bruno Nobre.

Bruno iniciou as aulas em 1990 diretamente com o mestre Kobi. Por volta de 2005, trouxe a luta para Florianópolis. No início, conta que eram 15, 20 alunos. Porém, a prática foi se disseminando. Antes da pandemia de Covid-19, a estimativa é que mais de mil pessoas já estavam praticando krav magá na Grande Florianópolis.

“Muitas pessoas têm interesse

em aprender a se defender e buscar a defesa pessoal. Porém muitas pessoas estão receosas diante da pandemia, evitando o contato. Porque ainda não estão com segurança para treinar. Tivemos uma baixa bem grande de alunos com a pandemia. Aos poucos, estão voltando”, projeta Bruno.

Segundo ele, existe grande crescimento na procura da defesa pessoal, em especial por parte das mulheres. O krav magá pode ser aprendido por todos, tendo alunos homens e mulheres de cinco a 70 anos na Grande Florianópolis.

“O aluno vai estar fazendo atividade física, melhorando condicionamento físico, e, além disso, aprendendo a se defender

de qualquer tipo de violência urbana, desde agarramento e estrangulamento a ataque com armas com faca, pedaço de bastão, ameaças de arma de fogo, coisas possíveis de acontecer”, destaca.

Para ele, o krav magá é uma forma de dar uma resposta simples a esse tipo de situação. “A aula é dividida em aquecimento, para evitar risco de lesão, treinamento de força muscular, importante no dia a dia, e depois entra a parte técnica, trabalhar as simulações. Aluno começa aprendendo os movimentos básicos, como realizar um chute bem dado na genitália, golpes em áreas sensíveis do corpo de um agressor, não precisa ter força”, ressalta Bruno.

Entrevista

Araújo Gomes, coronel e secretário de Segurança Pública de Florianópolis

“A frase do futuro será: onde não há segurança, não há prosperidade”

Com décadas de conhecimento e vivência na área de segurança, o atual secretário de Segurança Pública de Florianópolis, coronel Araújo Gomes, analisa o cenário criminal, que também se adapta às novas tecnologias, exigindo ações preventivas privadas e públicas. Ele também acredita que todas as forças policiais no

Brasil passam por evolução e aumento de eficiência. “Longe de ser suficiente para resolver todos os problemas, mas absolutamente louvável e destacável, principalmente na produção de resultado”, destaca. Defende maior controle de fronteira e melhora da estrutura jurídica do sistema criminal, com leis mais claras, mais rigorosas e punição mais acelerada.



DIVULGAÇÃO/ND

À frente da segurança pública da capital catarinense, o ex-comandante da PM acredita que a força policial brasileira está em evolução

Quando o assunto é segurança pública, o aumento da tecnologia ajuda ou atrapalha?

De um lado, há equipamentos inteligentes para fazer a vigilância, mas por outro, os criminosos também andam cada vez mais conectados e aplicando golpes virtuais. Quando falamos em produzir segurança, vale ressaltar três grandes eixos: controle de incidentes, fazendo com que haja menos crime violência e desordem; redução do medo de ser vítima e o aumento da confiança na eficiência dos órgãos que prestam segurança. Em cada uma das três categorias a tecnologia tem capacidade gigantesca de contribuir pelo lado policial, controlando incidentes e produzindo mesmo redução da violência e desordem.

É possível mesmo este controle?

Como grande disruptor se tem a combinação da inteligência artificial com big data. É muito forte o videomonitoramento com análise de comportamento, para antecipar tendências. E tem as tecnologias, como armas e viaturas melhores, armas não letais, câmeras. Essa combinação fará no futuro com que tenhamos cada

vez menos policiais nas ruas, em um trabalho mais preventivo. O policial parado na esquina com um tablete na mão sabe o que está acontecendo. Se um carro passa no sinal vermelho, ele é avisado, se um procurado da justiça entra numa loja, é avisado, carro devagar demais pode ser embriaguez ou alguém passando mal, e ele é avisado.

Mas a criminalidade também muda.

Já há uns quatro anos vínhamos percebendo que somos capazes de desenvolver ferramenta eficiente para controlar o crime e o medo no espaço público. Furtos, roubos e homicídios caíram, com tendência de crescimento de crimes entre as quatro paredes. Vimos aumentar os feminicídios e os abusos contra crianças e idosos.

E surge agora dado muito interessante nas estatísticas criminais. Em Florianópolis, os roubos caíram 30%, furtos na mesma proporção, os homicídios, também. Mas os crimes eletrônicos quadruplicaram. É golpe que usa velhas estratégias com novas tecnologias, convence o amigo que é você que está falando. Uma estratégia antiga do estelionato se beneficiando de falar com 20, 30,

40 vítimas em potencial por dia.

Com isso temos nova dimensão de espaço de prevenção, entre o público e do privado. Sofro fraude no cartão, quem deve prevenir isso e me proteger, a minha polícia ou o meu banco?

Vão se construir novas relações policiais, mais voltadas para sistemas, já que no virtual a interação é muito maior com sistemas complexos privados. Hoje, quando falamos em estelionatos, o poder público tem se responsabilizado pelo aspecto educativo. O operador privado não utiliza lógica de fortalecer punição, mas de prevenção. Clonaram meu cartão, a inteligência do banco percebeu, bloqueiei e cancelei, sem explicar, banco fez o pagamento, ele assume, faz parte do prejuízo dele. Entra de novo a combinação pública e privada para buscar responsabilidade, o responsável pode estar aqui ou na Tailândia.

E sobre o cuidado do ser humano com a própria segurança?

As pessoas estão expondo detalhes da rotina nas redes sociais, o que cria riscos. Por outro lado, se tudo é monitorado, há câmeras de vigilância por toda a parte, e é fácil detectar onde a pessoa estava e foi vista pela última vez, num caso de sequestro ou desaparecimento. Na disseminação dessa nova forma de utilizar plataformas digitais, o que era para ser coisa fechada entre amigos, se tornou aberta, compartilhando informação que só pessoas mais próximas teriam acesso. O que come, hobby, quanto dinheiro tem, bons negócios fechados, sinais externos de prosperidade ajudam a compor as informações ne-

“
É perceptível o surgimento de uma nova classe, uma nova categoria de criminosos, que vem se aproveitando da tecnologia e das suas vulnerabilidades para obter ganhos criminais.”

cessárias para ser vítima de um crime. Há 15 anos, o bandido percorria ruas para ver qual casa tinha muro baixo, janela sem grade, muito provável que façam hoje isso virtualmente. Quando fazem a abordagem já vêm falando sobre uma última viagem, troca de carro. Isso te torna mais vulnerável.

Para o futuro, qual será a tendência?

Polícia do futuro vai usar mais câmeras, ter aproximação comunitária, mas com tratamento diferenciado do ponto de vista humano, por isso todas as PMs estão fazendo um movimento para ter mais policiais com nível superior, enfatizar formação humanística no treinamento, capacidade de utilizar tecnologias, conscientização. Empresário está tendo percepção que é impossível viver em segurança em castelos independentemente da altura dos muros, se não contribui com segurança pública na sua cidade.

“
É muito forte o videomonitoramento com análise de comportamento, eixo forte de tecnologias preventivas, antecipar tendências de comportamentos individuais e coletivos. E tem depois as pequenas tecnologias para melhorar a eficiência do trabalho policial humano.”



APRAS SC

20 ANOS
sempre na luta pelo praça

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!

Investimento e valorização dos praças catarinenses

Qualidade do trabalho dos profissionais tornam a segurança pública de SC referência no país

Se Santa Catarina tem a melhor segurança pública do Brasil é porque tem os melhores policiais militares, principalmente aqueles que estão nas ruas, na ponta, protegendo a comunidade e combatendo o crime. Eles são os praças – soldados, cabos, sargentos e subtenentes da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar. Por isso, há 20 anos, a Aprasc (Associação de Praças do Estado de Santa Catarina), atua para proteger quem protege a sociedade, lutando pela garantia de direitos e condições de trabalho destes agentes. Para a entidade, valorizar os homens e mulheres que arriscam a vida para proteger o próximo é garantir, inclusive, o progresso econômico e social. “Segurança pública de qualidade representa desenvolvimento econômico e geração de emprego e renda. Afinal, qual a empresa quer se instalar em uma comunidade



FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

Em seus 20 anos de trajetória, que construiu junto à categoria, a Aprasc conquistou pleitos históricos

“Os 20 anos de Aprasc se confundem com o desenvolvimento da carreira do praça no Estado, que precisa ser cada vez mais valorizado. Falo dos soldados, cabos, sargentos e subtenentes que estão na ponta, protegendo você”.



João Carlos Pawlick, presidente da Aprasc

insegura, onde há assaltos frequentes? Se um Estado e uma sociedade investem no setor, em policiais, bombeiros, em equipamentos, em estrutura, é claro que irá atrair mais investimentos”, ressalta o presidente da Aprasc, subtenente da reserva da Polícia Militar João Carlos Pawlick.

Ele ressalta a importância do reconhecimento aos policiais militares e bombeiros no próprio retorno da atividade ao cidadão.

“Queremos sempre oferecer à sociedade a melhor segurança pública, com qualidade, que esteja à altura do seu esforço e dos impostos que ela paga, mas o praça também precisa ter um salário digno, que garanta a ele e sua família as condições de vida e segurança adequadas. Ele precisa se dedicar exclusivamente a esse trabalho e ter remuneração suficiente para isso. A sociedade também precisa proteger o policial”, afirma.



A entidade se mobiliza, hoje, pela criação de um plano de carreira justo para o segmento no Estado

Desafios para o futuro

Entre os maiores desafios da entidade está a criação de um plano de carreira justo para os praças, que dê esperança e perspectiva de futuro para a categoria. “Falo de uma carreira única, que valorize o praça e dê a segurança de que ele poderá avançar em sua trajetória profissional, motivando a tropa e beneficiando as famílias”, destaca Pawlick.

Outro projeto desenvolvido é a criação da Fundação Aprasc, que será o braço social da entidade, beneficiando o praça na hora que ele mais precisa, como em caso de doença, por exemplo.

A categoria também quer atualizar o Código de Ética, que é do ano de 1940 e determina situações aos praças que não se adequam mais à realidade do mundo atual.



Associação ressalta que o avanço no segmento representa desenvolvimento econômico

Lutas e conquistas

Nesses 20 anos de lutas e conquistas, a Aprasc tem construído uma história que se confunde com o desenvolvimento e o amadurecimento da categoria no Estado. Nos últimos anos, a atual diretoria tem trabalhado duro para que pleitos históricos sejam alcançados. A exemplo da reposição inflacionária (que não é aumento salarial), um direito esperado há quase oito anos.

Depois de muita discussão, a proposta do governo foi aprovada e agora tramita na Assembleia Legislati-

va. Com a aprovação, será o primeiro reajuste em quase dez anos de espera.

Mas a entidade também atuou pelo fim da escala 24x48 dos bombeiros militares, um regime de trabalho duro que foi extinto nesse ano.

Sem contar as conquistas na área jurídica, a exemplo da ação do Iprev, que evitou descontos e representou uma economia de R\$ 8 milhões mensais aos veteranos. Em dois anos, o setor jurídico movimentou mais de 10 mil ações com mais de 13 mil protocolos e diligências.

Entrevista

Bárbara Prado Simão, advogada e pesquisadora de direitos digitais

“Lei em vigor traz cenário otimista para segurança de dados”

Bárbara Prado Simão, advogada e pesquisadora do Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor), é uma espécie de referência quando o assunto é segurança de dados no Brasil. Nesta entrevista, ela destaca que sim, a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) deve trazer avanços para o Brasil, mas destaca que ela pre-

cisa de ajustes, pelo fato de ser muito ampla e genérica.

Também lembra que a exposição explícita da vida pelas redes sociais nos torna alvo. E que empresas e demais entidades que re- têm dados de parceiros, clientes ou fornecedores precisam se adaptar à nova realidade.



DIVULGAÇÃO/IND

Bárbara diz que Brasil saiu atrasado na proteção de dados, mas agora vai avançar

De que maneira a exposição de dados na internet causa risco para as pessoas? Falta privacidade?

Temos preocupação geral sobre isso, uma preocupação de diversos países, além do Brasil, que vem desde o começo do século 20 e mais ainda da década dos anos 1970, digamos assim, com leis específicas a respeito de privacidade, de direito à privacidade e à proteção de dados. Essa questão vai até um pouco além só do fato de que os dados estão armazenados ali no local e, eventualmente, podem sofrer ataques, deixando as pessoas sujeitas a fraudes. Vai além disso, que é o próprio fato de que os dados pessoais, e a gente está falando aqui não só de RG, não só de CPF, não só do nosso nome, mas também daquilo que pode nos identificar. Nossos gostos pessoais, nossa atividade em rede social, coisas que compramos no mercado, na farmácia. Tudo isso leva a uma identificação da nossa identidade, dos nossos gostos, dos nossos perfis, sejam eles de consumo ou de personalidade.

Como evitar estas invasões?

Isso, desde que começou o desenvolvimento tecnológico, tem gerado preocupação sobre como governos e empresas vão tratar essas informações. Nas mãos de pessoas erradas

ou nas mãos de agentes mal-intencionados pode gerar situações muito desconfortáveis. Então temos, por exemplo, a possibilidade de discriminação, a partir do uso indevido de dados, usados para classificar as pessoas, selecionar. Na Europa, tem lei sobre isso desde a década de 70.

Inspirou o surgimento da Lei Geral de Proteção de Dados no Brasil?

Entre 2010 e 2011, teve a primeira consulta pública sobre esse tema no Brasil. Depois, ficou um tempo dormente. Em 2015, voltou à discussão, com nova consulta pública. Em 2016, foi apresentado um projeto de lei; e em 2018, aprovada a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados). Só agora estamos vendo o efeito disso hoje, pois a lei entrou em vigor em setembro do ano passado. Então, na verdade ela tem menos de um ano. Não tinha ainda autoridade para lidar com isso, nem um órgão público. Estamos vendo os efeitos agora, com vazamento de dados expondo informações pessoais. Por exemplo, empresas que querem utilizar ferramentas como reconhecimento facial, ou então análise automatizada de informações, sem fazer estudo prévio de proporcionalidade ou de impacto dessas medidas.

O cenário tende a melhorar com a lei?

Há relativo atraso do país em relação a essas discussões globais, que ocorriam há décadas. Mas é claro que, apesar disso, o cenário daqui pra frente é otimista, ainda mais agora que a lei está em vigor, criando autoridade. Creio que daqui pra frente teremos um cenário ainda mais otimista em relação à proteção de dados. Ela foi muito esperada e é consenso em diferentes setores, por conta desse grande tempo de discussão. Claro que é uma lei geral, na qual alguns aspectos ainda precisam de regulamentação, de um olhar mais atento por parte do órgão fiscalizador, que é a autoridade nacional de proteção de dados.

Como a LGPD pode proteger pessoas?

Ela traz muito direitos. Traz, por exemplo, o direito de você ser informado sobre o tratamento de dados, direito de pedir a correção desses dados, de pedir a eliminação dos mesmos, se não concorda mais com aquela atividade. Antes, no Brasil, a gente só tinha leis bastante específicas para determinados setores, código de defesa do consumidor trazia um artigo. Tem algumas delimitações também que vão ter que ser feitas em relação a como aplicar a lei para pequenas e médias empresas, pois a lei é abrangente. Há organizações, sociedade civil, escolas, enfim, tudo isso vai ter que ser pensado. Como você vai delimitar a lei para setores menores?

Como regular o compartilhamento?

A questão do compartilhamento de dados em relação a pedidos feitos pelo poder público para empresas tem que ser melhor delimitada. Diversas questões estão sendo avaliadas até mesmo pela própria agência

regulatória, que vai ser responsável por criar a agenda regulatória, fiscalizando o cumprimento da lei.

A pandemia trouxe mudanças na proteção dos dados?

Acho que a pandemia trouxe mais camadas para esse assunto. A gente começou a utilizar muito mais a internet para fazer coisas básicas, reunião de trabalho, compras, até atividades de lazer com amigos, enfim. A internet virou um ambiente central, com isso temos tido muitos relatos de fraude nesse ambiente da internet, notícias de pessoas que tiveram o Whatsapp clonado, que são alvo de hackers em e-mail, realmente sofrem golpes e fraudes, às vezes por conta de uma exposição de dados indevida ou de algum erro. Isso tem feito as pessoas ficarem mais atentas, porque quanto mais informação temos sobre esse assunto, mais vão se prevenir. Eu vislumbro, sim, pelo menos daqui pra frente, um cenário em que as pessoas estejam mais conscientes a respeito do uso das suas informações pessoais, tomando mais cuidado em como se expõem na internet, em sites de compras ou redes sociais.

O que é necessário para um cenário mais otimista?

É necessário um esforço que não é só individual, não é só do cidadão. Este cuidado deve ser também do Estado, das autoridades públicas e das empresas, para que as informações sejam tratadas da maneira adequada. Ele precisa se adequar à lei. Cumprir os princípios é também uma atividade da própria Autoridade Nacional de Proteção de Dados, fiscalizando essa lei, tendo ação enérgica para fiscalizar o cumprimento por parte das empresas.



Hoje em dia tem setores usando ferramentas automatizadas para fazer seleção de quem vai para uma entrevista de emprego, coisas podem ter impacto muito profundo na vida de alguém. Em relação ao crédito, também existe seleção automatizada para identificar quem está atrás de crédito por juros mais altos ou mais baixos.”

De olho no futuro



Você sabe o que é SIEM?

É a sigla para Security Information and Event Management ou Gerenciamento de Informações e Eventos de Segurança, capaz de aplicar correlação e análises avançadas para detectar ameaças de forma automática com base em machine learning. A tecnologia é voltada para empresas que investem na prevenção de riscos de ataques virtuais. Desde o início de agosto as empresas brasileiras já podem sofrer sanções pela Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). A multa pode chegar a até R\$ 50 milhões por infração. No entanto, as primeiras sanções devem ser apenas advertências, já que multas ainda devem demorar para ocorrer porque não foi publicado o documento que estabelece como elas serão calculadas.

Câmeras se tornam cada vez mais essenciais para combater crime e diminuir o contato físico

Em julho, pesquisadores do Gwangju Institute of Science and Technology, da Coreia do Sul, divulgaram a criação de um sistema capaz de rastrear diferentes objetos ao mesmo tempo e sem comprometer a velocidade e precisão do dispositivo. Joelma Dvoranovski, CEO do Grupo Brako, de soluções tecnológicas customizadas, explica que as câmeras de monitoramento vêm se especializando ano após ano. Desde o ano passado, por exemplo, câmeras capazes de fazer reconhecimento facial, inclusive de pessoas usando máscara, já são utilizadas no Brasil para monitoramento da temperatura da superfície da pele de cada indivíduo. O equipamento consegue detectar 30 pessoas por segundo, mesmo que todas estejam andando juntas.



Academia on-line lança primeiro curso para formação de inteligência

Empresa de tecnologia de Florianópolis, a Dígito lançou o primeiro curso para formação de agentes da Guarda Municipal. Gratuito, ele já está disponível. A empresa, que se dedica ao desenvolvimento de soluções para treinamento e qualificação das forças policiais do país, acredita que o espaço de formação e atualização gratuito deve ser tornar referência para assuntos de Segurança Pública e Defesa, com foco inicial em temas como investigação e inteligência. A Academia Dígito, como foi batizada, será um espaço de ensino em formato virtual, presencial ou híbrido, voltado para agentes e gestores do setor. A ideia é criar um ambiente de troca de informações e atualização para os profissionais da área, capacitando as forças de segurança para qualificar a defesa do país não só com tecnologia, mas também com conhecimento para o avanço da investigação criminal.



Solução inédita auxilia na segurança ostensiva de 11 cidades brasileiras

A empresa paranaense Helper Tecnologia, com sede em Colombo, região metropolitana de Curitiba, desenvolveu uma tecnologia patenteada e inédita no país: os totens de segurança. Alternativa aos módulos policiais tradicionais, os totens de monitoramento da Helper já estão presentes em 11 municípios de cinco Estados. Os equipamentos contam com um conjunto de câmeras que permitem monitorar os espaços em 360 graus de forma simultânea,

disponibilizando ainda o zoom para aproximação da verificação de ocorrências, além de um canal de comunicação direto com as forças policiais. Por ser vertical, tem visibilidade e oferece mais sensação de segurança. Os equipamentos também têm sistema de giroflex para alertas instantâneos e podem ser programados para repassar mensagens à população. Em Santa Catarina, o município de Balneário Camboriú adotou a solução.

Brasil prepara maior fórum latino de segurança internacional

Pavimentar as estratégias de segurança para o futuro é aposta da 18ª Conferência de Segurança Internacional do Forte de Copacabana, o maior fórum sobre segurança internacional da América Latina. O evento, dias 16 e 17 de setembro, tem como tema "Ausência de guerras significa paz? Estratégias de segurança internacional em uma nova ordem geopolítica mundial". A iniciativa é da Fundação Konrad Adenauer, do Centro Brasileiro de Relações Internacionais e União Europeia no Brasil. Autoridades do Brasil, Alemanha, Uruguai, Colômbia, Argentina, México vão debater de suas casas ou gabinetes em "mesas virtuais", com tradução em português, espanhol, inglês, alemão e também na Língua Brasileira de Sinais.

HOJE EM DIA

TODAS AS MANHÃS
UM TIME DE APRESENTADORES DE PESO
DE SEGUNDA A SEXTA, ÀS 10HS



COM RENATA ALVES, CESAR FILHO,

ANA HICKMANN E TICIANE PINHEIRO

